

O HERÓI EM OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS

Deisivane Alves Medeiros¹
Vitalina Rosa de Araújo²

RESUMO

Este trabalho discute as transformações ocorridas em *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang Von Goethe, a partir das reflexões bakhtinianas, dentre elas, o herói em constante devir na narrativa romanesca, contraposto ao herói épico. Na passagem de uma cultura anteriormente caracterizada pela oralidade, Bakhtin (2002), em *Epos e romance*, apresenta as facetas do romance enquanto gênero polimorfo e em ascensão. Assim, são discutidos aspectos da formação estrutural e social do romance vinculados à obra em análise, ambientada na Alemanha do século XVIII. São utilizados, também, aportes teóricos de Hauser (1995), Guinsburg (1978) e Korfmann (2012).

Palavras-chave: *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe, subjetividade, Bakhtin.

Introdução

O movimento romântico do século XVIII foi disseminado por toda Europa como um acontecimento colidente, pois, optou por dois caminhos díspares: de um lado representou a continuação e o ápice de uma burguesia já demarcada desde o Iluminismo, embora com uma reação contrária às influências e tendências reformadoras iluministas, e por outro lado, manifestou-se como elemento construtivo de massa e seu sentimentalismo exacerbante:

¹ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Campus XX. Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. E-mail: deisi_losalves@hotmail.com

² Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Campus XX. Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. E-mail: vivisolaraujo@hotmail.com

Os românticos tinham perfeita consciência da perda de prestígio que os escritores haviam sofrido desde a Revolução e procuraram no individualismo um refúgio em face da animosidade do público. Esse sentimento de ostracismo expressou-se numa disposição acrimoniosa para a contestação; mas de maneira nenhuma consideraram sua luta contra a sociedade uma causa perdida (HAUSER, 1995, p. 786).

Partindo desse pressuposto, a obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, selecionada para este estudo, relata a trajetória de Werther, indivíduo angustiado diante de seu destino: viver um amor, aparentemente não correspondido por Charlotte, noiva de Alberto. A narrativa é imbricada por um sentimentalismo trágico que envereda num discurso tenso, levando o personagem a mergulhar nas questões existenciais, mesclando devaneio e realidade, característica do período romântico, como veremos a seguir.

Narrativa e subjetividade: Os sofrimentos do Jovem Werther

No momento em que o romance se estabeleceu como gênero predominante, Bakhtin observa que a literatura teria entrado em um processo de evolução, uma romancização, o qual denomina “crítico de gêneros”. Ele ainda ressalta que esse fenômeno já havia ocorrido em outros períodos (Helenismo, Idade Média e Renascença), tendo, todavia, forte impacto na segunda metade do século XVIII. De acordo com Bakhtin (2002, p. 399): “Na presença do romance, como gênero dominante, as linguagens convencionais dos gêneros estritamente canônicos começam a ter uma ressonância diferente daquela época em que o romance não pertencia à grande literatura”. A partir desse viés, observamos que o romance, enquanto veículo substancial, começa a expressar, de modo sensível, as novas concepções da realidade circundante, apropriando-se de formas extraliterárias (vida pública e privada), além de apoiar-se no uso das cartas, diários e confissões.

Nesse sentido, a obra de Goethe, cujo gênero já denota uma transformação ocorrida nos moldes de narrar, pelo fato de não mais servir como mero entretenimento folhetinesco, mas por apresentar um cunho social, discorre sobre Werther, indivíduo aflito diante da sua condição de enamoramento por Charlotte, prometida a outro homem.

O herói romântico caminha serenamente para um abismo, no qual se confunde o social com a sua essência, partindo de uma realidade que já se antecipa para um fim

nostálgico. As questões da alma são mais importantes do que as do corpo, uma vez que são elas que possibilitam imortalidade aos seres, formalizando, assim, a sua inadaptação às regras sociais, voltando-se para a degeneração do próprio ser:

[...] o coração do homem, meu caro amigo, é um mistério indecifrável!
[...] Quero corrigir-me, caro amigo, e prometo que o farei; não quero mais, como tenho feito até agora, remoer os males que o destino nos reserva; quero gozar o presente e considerar o passado apenas passado. Sem dúvida, você tem razão, meu bom amigo: neste mundo haveria menos sofrimento se os homens (só Deus sabe por que eles são assim!) não se ocupassem, com tanta imaginação, em fazer voltar à lembrança das dores passadas, em vez de suportar um presente tolerável (GOETHE, 2010, p. 13).

Os Sofrimentos do Jovem Werther, publicado pela primeira vez em 1774, momento em que o romance estava se consolidando enquanto gênero, constitui-se de duas temáticas, *a priori*: o desejo do amor, “o amor do amor”, que nos remete a uma filosofia platônica, e o conflito diante das desigualdades entre as classes sociais. Possui um narrador onisciente durante quase todo o romance, excetuando-se pela intromissão do editor, no segundo livro, que busca compreender as ações do personagem e o seu comportamento paradoxal:

Às vezes não consigo compreender como outro pode amá-la, ousa amá-la, uma vez que eu a amo tão unicamente, tão profundamente, tão perfeitamente; uma vez que nada conheço, nada sei e nada tenho, além dela. [...]. Esse amor, essa fidelidade, essa paixão não é, portanto, uma invenção poética; tudo isso vive, existe em sua pureza perfeita, nessa classe de homens a que chamamos de rudes e grosseiros. Nós, homens educados – tão educados que, no fundo, toda essa cultura nos deforma e reduz a nada. Leia essa história com devoção, por favor. Estou calmo hoje escrevendo-lhe essas coisas; perceba pela minha letra tranquila, tão diferente da habitual (GOETHE, 2010, p. 102-105).

Se outrora a epopeia não possibilitava ao autor, e conseqüentemente ao leitor, essa intromissão na narrativa, devido ao próprio distanciamento exigido na construção da obra, pelo fato de ela se constituir como um gênero, cujos limites não transpunham uma ligação mais próxima com a realidade, aqui, o romance antecipa, nos dizeres de Bakhtin (2002, p. 400), a evolução de toda literatura: “O Romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais

sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade. Somente o que evolui pode compreender a evolução”.

Dessa maneira, Bakhtin realça a importância do romance como gênero que ainda está por se constituir. As forças criadoras dos gêneros agem sob nossos olhares, ou seja, o nascimento e a formação do gênero romanesco realizam-se na era moderna sob a plena luz da história, devido a essa maleabilidade de poder comunicar-se com os outros gêneros, de permear dentro da história, adaptando-se aos novos textos e dialogando com os clássicos, considerados gêneros desagregados e calcificados:

O campo de representação do mundo modifica-se segundo os gêneros e as épocas de desenvolvimento da literatura. Ele é organizado de maneiras diferentes e limitado de vários modos no espaço e no tempo. Este campo é sempre específico. O romance está ligado aos elementos do presente inacabado que não o deixam se enrijecer. O romancista gravita em torno de tudo aquilo que não está ainda acabado. Ele pode aparecer no campo da representação em qualquer atitude, pode representar os momentos reais da sua vida ou fazer uma alusão, pode se intrometer na conversa dos personagens, pode polemizar abertamente com seus inimigos literários (BAKHTIN, 2002, p. 417).

Assim, o gênero narrativo do romance não se prende a regras e estilismos modistas, liberdade de criação e despreocupação com as formas, negação dos gêneros literários fechados e acabados (epopeias), abandono do tradicional (a tragédia e a comédia), surgimento do drama e dos romances de costumes. Ele segue seu talento e imaginação pueris, não os prende ao pensamento objetivo e racionalista.

Nota-se que, no romance em questão, o autor manteve a unidade e a continuidade do herói, alternando o diálogo entre vozes de primeira e terceira pessoa: “Olho para dentro de mim mesmo e vejo um mundo; porém um mundo muito mais de pressentimentos e vagos desejos do que de realidade e forças vivas. Então tudo me flutua ante os olhos, e continuo sorrindo e sonhando em minha jornada através do mundo” (GOETHE, 2010, p. 20), introduzindo, também, um narrador ao final: “Por fim, acostumou-se e familiarizou-se com esse triste pensamento, e temos prova de sua resolução firme e irrevogável nesta carta ambígua, que escreveu ao amigo” (GOETHE, 2010, p. 113).

Contraposta à narrativa de Goethe, observamos que o ambiente épico configura-se de modo restrito, não possibilita uma aproximação entre o herói e o leitor

(autor/leitor). Ao tentar profetizar os fatos, o autor da epopeia estabelece os traços do herói épico, que é desprovido de elementos ideológicos, “é concluído num alto nível heroico” (BAKHTIN, 2002, p. 423), os personagens têm seu destino preestabelecido e, apesar da exteriorização de suas características, o mundo para eles não é objeto de experiência:

O romance se formou precisamente no processo de destruição da distância épica, no processo da familiarização cômica do mundo e do homem, no abaixamento do objeto da representação artística ao nível de uma realidade atual, inacabada e fluida. Desde o início o romance foi construído não na imagem distante do passado absoluto, mas na zona do contato direto com esta atualidade inacabada. Sua base repousava na experiência pessoal e na livre invenção criadora. A nova e sóbria imagem da arte romanesca em prosa e a nova concepção crítica científica, fundamentada na experiência pessoal, se formaram lado a lado, simultaneamente (BAKHTIN, 2002, p. 427).

Seguindo os pressupostos de Bakhtin, notamos que a obra de Goethe não se configura como um modelo convencional. O texto, construído por meio de cartas transcritas como documento literário, se transforma aqui em um romance lírico, expressão do “eu”, do jovem poeta no romance. Assim, o personagem ao adquirir representatividade, demarca vários episódios em forma de diários. E neste caso, a carta se presta tanto aos relatos, quanto à explosão lírica: “O sentimento intenso, cálido pela natureza palpitante, que me inundava de felicidade, transformando em paraíso o mundo ao meu redor, tornou-se agora para mim um suplício insuportável” (GOETHE, 1998, p. 64).

O próprio narrador expõe a dificuldade de narrar, por estar lidando com um gênero que transpõe os impasses amorosos dotados de uma incompletude que se quer una, daí a fluidez e a dificuldade de relacionar tal sentimento com o constante devir da realidade: “Será difícil contar-te, de maneira ordenada, as circunstâncias que me levaram a conhecer uma das mais encantadoras criaturas que possas imaginar. Estou contente e feliz, portanto sou um péssimo narrador” (GOETHE, 1998, p. 23).

Dessa forma, o narrador pode alterar a realidade e o lirismo e se perder em detalhes, confidenciando com o leitor, compactuando seu sofrimento e devaneios, artifícios tão comuns no romantismo. A originalidade do romance está fixada justamente nessa combinação de estilos. Seu principal objeto é a multiplicidade de

linguagens, “um sistema de línguas”, o discurso individualizado da personagem, a linguística verbal do poeta, uma narração familiar, uma carta, uma poesia, ou seja, o léxico, o semântico, o sintático:

O romance não exige apenas estas condições, pois, conforme dissemos, a verdadeira premissa da prosa romanesca está na estratificação interna da linguagem, na sua diversidade social de linguagens e na divergência de vozes individuais que ela encerra (BAKHTIN, 2002, p. 76).

Essas ideias nos remetem à abordagem feita por Bakhtin a respeito do herói não mais previsível e detentor de limites. Este, através de sua consciência, destrói os contornos de sua existência aparentemente fixados: “O romântico teme trair-se através de seu herói e deixar-lhe sempre em alguma parte, dentro dele, uma espécie de respiradouro por onde o herói poderá escapular para elevar-se acima de sua própria forma de acabamento” (BAKHTIN, 1997, p. 26).

Nesse segmento, Bakhtin exemplifica a respeito desse herói que sai dos campos áureos e presentifica os moldes psicológicos. Na conjuntura da estrutura formalizada pelo romance da Literatura alemã, observamos o vínculo entre a emoção e o caráter intuitivo, cuja pretensão é ressaltar a importância do indivíduo em meio às opressivas estruturas sociais.

Em linha oposta, a épica, não nos revela um princípio norteador dos aspectos que constituem a subjetividade do herói, embora haja certa individualização, marca das ações no decorrer da narrativa, este polimento do ser literário representa uma delimitação em relação ao devir (história/realidade). Nesse contexto, nem mesmo os deuses estão apartados dos heróis, já que eles representam a continuidade dos valores morais. Completamente exteriorizado e glorificado, a entidade épica manifesta a mitificação:

Estas particularidades do homem épico, partilhadas basicamente por outros gêneros distanciados elevados, originam a beleza excepcional, a coesão, a clareza cristalina e o polimento literário desta representação do homem, mas, por outro lado, elas também engendram a sua limitação e uma certa irrealidade nas novas condições da existência (BAKHTIN, 2002, p. 424).

No romance de Goethe, percebemos as bases fincadas nos elementos do romantismo, a interligação entre o estado sublime da natureza e o fascínio pelo misticismo, além da perpetuação da cultuação pela figura helenística, vivificada outrora no estilo clássico, o que pode ser percebido no fragmento abaixo:

Ossian tomou o lugar de Homero no meu coração. Que mundo esse para onde me conduz o poeta magnífico! Caminhar pela charneca, fustigado pelo vento tempestuoso que, em meio à neblina esfumaçada, à luz esmaecida da lua, conduz os espíritos dos ancestrais. Ouvir das montanhas, de permeio com os rugidos das águas que cortam a floresta, os gemidos longínquos, meio sumidos, dos espíritos em suas cavernas, ouvir das montanhas, ouvir os rugidos da jovem dilacerada pela dor sobre as quatro pedras musgosas, cobertas de relva, que resguardam o túmulo do bem amado, morto como herói (GOETHE, 1998, p. 110).

Nota-se no fragmento supracitado uma linguagem que se aproxima da consciência humana, aprofundando-se nas raízes do indivíduo, naquilo que ele não professa, mas externaliza em comunicação direta com a natureza, um mundo variante de sonhos e delírios. A solidão tão temida, e ao mesmo tempo tão desejada pelo romântico, requer para si, por meio da escrita, uma mediação dos conflitos sociais do artista e os abismos entre realidade e sonho. Esse “estar suspenso” é visto em Hauser (1995, p. 611) como uma manifestação do caráter romântico:

A irrealidade expressa no pensamento abstrato e na linguagem esotérica dos poetas e dos filósofos alemães também é evidente em seu exagerado individualismo e mania de originalidade. O desejo de serem diferentes de todo o mundo é, tal como o jargão que usam, mero sintoma de sua natureza anti-social.

O romance de Goethe estrutura-se como o espaço de alteridade do artista, de sua composição, pois, não mais se trata de uma realidade com os aparentes contornos bem definidos, mas, cede lugar ao subjetivismo, artifício artístico do romantismo, em que se trabalha com as paixões e o ideal de liberdade. A seguinte passagem é significativa a essa elaboração:

E, assim, as maravilhosas imagens do imenso universo moviam-se e animavam-se em meu espírito, vivificando-o! Enormes montanhas rodeavam-me, abismos se abriam diante de mim e formidáveis torrentes, alimentadas pelas chuvas, se precipitavam; os rios corriam a meus pés; os estrondos da floresta e da montanha ressonavam, e eu via

todas essas forças misteriosas agindo e se combinando nas profundezas da terra; e, também, na superfície e no céu, a expressão de múltiplas e diferentes criaturas (GOETHE, 2010, p. 68).

O herói romântico é aquele que compactua seus sentimentos com a natureza. Sua espiritualidade está representada pela própria natureza. O Jovem Werther possui uma sensibilidade exagerada. Voluntarioso, recusa a realidade e, por vezes, se refugia no passado, e, sendo ele um eterno insatisfeito, melancólico e egocêntrico, procura sempre compensações para o vazio de sua alma. Nas palavras de Rosenfeld e Guinsburg (1978, p. 52):

A categoria psicológica do romantismo é o sentimento como o objetivo interior, que excede a condição de simples estado afetivo: a intimidade, a espiritualidade e a inspiração do infinito, na interpretação tardia de Baudelaire, sentimento do sentimento ou desejo do desejo, [...] do entusiasmo à melancolia, da nostalgia ao fervor, da exaltação confiante ao desespero- contém o elemento reflexivo da ilimitação, da inquietude e da insatisfação permanentes de toda experiência conflitiva aguda, que tende a reproduzir-se indefinidamente à custa dos antagonismos resolúveis que produzem.

No romance em ascensão estamos diante de um herói que problematiza os aspectos de um “eu” que tenta vincular-se à sociedade, porém, a inadequação consegue uma denotação importante já que o personagem se recusa a aceitar o destino. De acordo com Hauser (1995, p. 624):

A impetuosidade do período de Werther, seu candente protesto contra a ordem social vigente e a moralidade convencional serenaram com o passar do tempo, mas Goethe permaneceu um inimigo de toda opressão e um combatente contra toda injustiça que ameaçava a burguesia como comunidade intelectual viva.

Em se tratando da linha de pensamento do romantismo, a consciência grupal, ou autolegitimadora da burguesia alemã, ocorreu precedida por diferenças na estrutura de comportamentos, na vida emocional e aspirações decorrentes do período pelo qual atravessava a Alemanha, o que contribuiu para o modo como Goethe construiu o arquetípico de seu herói, o seu emocional, a sua sensibilidade e seu desajuste perante a sociedade e o trabalho. De acordo com Bakhtin (2002, p. 426):

A entidade épica do homem se desagrega no romance segundo outras linhas: surge uma divergência fundamental entre o homem aparente e o homem interior e, como resultado, leva o aspecto subjetivo do homem a tornar-se objeto de experiência e de representação [...]. “Essa desintegração da entidade épica (e trágica) do homem no romance vai de encontro aos pródromos de uma entidade nova e complexa, um estágio mais elevado da evolução humana”.

Desde o fim da Idade Média, o sujeito vem adquirindo uma supremacia na sua maneira de pensar, procurando desvencilhar-se de conceitos pré-formados aos quais se encontrava submisso. Com o Renascimento, a base do progresso se instaura no conhecimento científico, nas grandes descobertas dos gênios e na rejeição da base do Cristianismo, que impelia o homem para o declínio do questionamento diante dos acontecimentos presentes no mundo.

O romantismo emana com sua linguagem visceral, em que o sujeito não aceita as predestinações religiosas. Estamos diante de indivíduos ativos, capazes de promover alterações necessárias para um “novo mundo”. Esse idílico de poesia e paixão do escritor romântico preza pela relação arte/literatura, o que é perceptível tanto historicamente quanto na literatura, uma vez que esse período de inovação do romance vem caracterizado por alguns conflitos que marcaram o seu próprio surgimento:

O horizonte da industrialização, o aparecer das massas urbanas em sentido demograficamente moderno, assinalaram o fim do domínio cultural das camadas aristocráticas e o aburguesamento das elites. Simultaneamente, a civilização europeia abandonou aquela referência sistemática aos modelos artísticos e à mitologia da antiguidade, com que o humanismo renascentista identificara a formação. A educação espiritual, do homem do ocidente, e a que o neoclassicismo ilustrado permanecera fiel (MERQUIOR, 1979, p. 49).

Nesse aspecto, temos aqui duas vertentes que se interpõem: de um lado, o Jovem Werther é talhado pela sociedade que preza pela nobreza dos sentimentos nas realizações artísticas, e por outro, se depara com a insustentabilidade da existência frente ao mundo marcado pela indeterminação do sujeito diante dos problemas da alma, que ainda busca, incansavelmente, o contato com o divino. Em oposição a essas ideias é que se constitui a nobreza baseada na artificialidade das relações, na vida sedimentada às formalidades que a tudo refreiam em nome da razão, trabalho e convenções, o que,

segundo o herói romântico de Goethe, são relações marcadas pela hipocrisia, pela externalização das divisões de classes: “E esta miséria enorme, o tédio entre essa gente torpe que aqui se reúne! Essa concorrência, e o modo como ficam atentos, um procurando obter vantagens sobre o outro; vejo as paixões mais mesquinhas, mais miseráveis, sem qualquer pejo!” (GOETHE, 1998, p. 83).

Assim, Goethe, através do romance, dá voz ao Jovem Werther, que mesmo pertencendo a uma família nobre, contrapõe as conveniências e ideologias do mundo burguês. Nesse quesito, o personagem expressa o desprezo diante das desigualdades sociais, frustra-se com as limitações de uma vida destinada ao ofício, subordinada à racionalidade, e enxerga o mundo como uma prisão que não proporciona uma liberdade espiritual:

O que mais me irrita são essas nefastas convenções burguesas. Sei, melhor do que ninguém, que a diferença de classes é necessária, e quantas vantagens essa mesma diferença me proporciona; apenas desejaria que ela não se constituísse num obstáculo no meu caminho, no momento em que ainda poderia usufruir um pouco de alegria, de uma fagulha de felicidade nesta terra (GOETHE, 1998, p. 83).

Essa consciência crítica em Werther permite que ele reflita sobre as relações e estruturas, questionando as relações artificiais, que julga ser a causa de seu sofrimento e angústia. Nesse ínterim, nosso herói transita entre a realidade insatisfatória e suas projeções oníricas (escapismo), chegando, por vezes, ao delírio. Nas palavras de Bakhtin (2002, p. 416): “Neste mundo, inteiramente familiar, o enredo se desenvolve com uma liberdade fantástica e excepcional: do céu a terra, da terra ao inferno, do presente ao passado, do passado ao futuro”.

Dessa maneira, os conceitos de tempo, deterioração, morte e finitude são veículos agentes de angústia para o ser humano. O autor do romantismo procura perceber o que acontece com o homem, suas raízes mais profundas (o exterior é precível).

O homem romântico é por sua própria natureza um temente a Deus. O arquétipo do herói criado por Goethe, o Jovem Werther, inconformado com sua desdita sorte, recorre à figura do Divino, em busca de sustentação para sua fragilidade, viaja pelo desconhecido, o universo transcendental da alma humana. “(...) Ó Pai que não conheço, Pai que outrora preenchia toda a minha alma e agora desvia de mim Sua face, por que

não me chama para junto de Si? Não prolongue esse silêncio por mais tempo! Seu silêncio não deterá esta alma sedenta” (GOETHE, 2010, p. 121).

Só a tentativa humana de relação com o infinito é permanente – registrar o possível sentimento de eternidade, tentar tocar nas relações tênues do homem entre o ser e o estar. Assim, Bakhtin (2002) esclarece que o romance está vinculado à mutabilidade. Não se trata apenas da imagem do autor no campo da representação, mas da possibilidade de presentificação do mundo e das relações entre os seres.

Considerações finais

Notamos que o romantismo, ao mesmo tempo em que insurge contra os padrões canônicos, constrói, a partir de certas bases clássicas, um texto cuja ordem maior é a fluidez, o que dificulta a própria tentativa de teorização do romance. É essa consciência plurilíngue que vai ser palco para o romance em ascensão. A destruição da distância épica, nos dizeres de Bakhtin (2002), através do espírito trágico cômico, coloca o herói num plano em que o espírito não mais se conforma, porém, transita os espaços temporais e, conseqüentemente, acentua a complexidade do romance e das suas formas de representação.

Dessa forma, a partir das reflexões em Bakhtin (2002), percebemos que o personagem do romance em análise não apresenta traços bem definidos, uma vez que detém características tanto positivas quanto negativas, responsáveis por moldar seu caráter no decorrer da narrativa, esta, não mais cíclica e mítica. Se outrora o herói da epopeia comunicava os sentimentos mais elevados, representando a nação e canonizando a vida através das lendas e dos grandes cavaleiros, a grandeza do herói romanesco consiste exatamente na sua familiarização ou recusa do mundo, o que acentua seu caráter trágico, já que não compactua ideologicamente com a vida apresentada.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 397-428.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch (1895-1975). *Estética da criação verbal* \ *Mikhail Bakhtin* Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997. – (Coleção Ensino Superior).

GOETHE, Johann Wolfgang Von (1749-1832). *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Prefácio Joseph Francois Angeloz. Tradução Marion Fleischer. – 2ª ed. – São Paulo. Martins Fontes, 1998. – (Clássicos)

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. São Paulo: Abril, 2010.

GUINSBURG, J. *O romantismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KORFMANN, Michael. *A literatura moderna como observação de segunda ordem. Uma introdução ao pensamento sistêmico de Niklas Luhmann*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/setordealemao/projetos_pesquisa/michael_korfmann/teoria_dos_sistemas_a_literatura_como_observacao_de_segunda_ordem.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.

MERQUIOR, José Guilherme. *Breve história da literatura brasileira: de Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

THE HERO IN OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER: AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF BAKHTIN'S REFLECTIONS

ABSTRACT

This paper discusses the changes that took place in *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), by Johann Wolfgang von Goethe, from Bakhtinian reflections, among them, the constant changing in the hero from the novelistic narrative, opposed to the epic hero. In the changing of a culture previously characterized by orality, Bakhtin (2002), in *Epos e romance*, presents facets of the novel as a polymorphous genre and on rising. Thus, we discuss aspects of structural and social formation of the novel linked to the book under consideration, set in the eighteenth-century Germany. We also use theoretical contributions from Hauser (1995), Ginsburg (1978), and Korfmann (2012).

Keywords: *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe, subjectivity, Bakhtin.

Recebido em 30/10/2015.
Aprovado em 15/12/2015.